

De S. S. S.

# Atractivos para população continuam a ser problema

por Alfredo Carlos Dacala

Domingo 24/8/86 p. 3

Mandlakaze, 1 de Julho do corrente ano. O dia nasce com uma forte cacimba a fazer com que os raios solares cheguem à terra com menor intensidade.

Parto do local onde estou hospedado, com destino à Delegação Distrital da AGRICOM (Empresa Estatal de Comercialização Agrícola).

Só cerca das 8.30 horas é que um amplo lençol de luz, uma luz rosada, irradia por todo o céu.

Nessa altura, chego ao local e marco uma entrevista com o delegado. — Ele não está. Foi dar algumas voltas por aí... deve-se ter cruzado com ele... de que estrada veio? — fala-me um funcionário, que vim a saber chamar-se Chaguala.

Mandem-me aguardar. Às 11.45 horas, sou recebido pelo responsável das Vendas e Finanças, Justino Bila, a pedido do empregado que me tinha atendido. Este informou a Bila: — Está aqui uma delegação provincial... Ao que o outro diz: Se for questão do dinheiro para almóços, eu resolvo...

Reexpliquei que não era nenhuma «delegação provincial», mas sim aluno da Escola de Jornalismo, que lá ali fazer um trabalho de reportagem; quanto aos «dinheiros para almóços», que descansassem, pois eu já estava hospedado.

Justino Bila prontificou-se a talar comigo, «off record», se o delegado não aparecesse até às 15 horas.

Quando cheguei ao local, na hora indicada, o responsável das vendas acolheu-me e já estava a mencionar os principais produtos que a AGRICOM troca com a população, quando entrou Abílio Langa, fiel do armazém daquela empresa, que interrompeu a entrevista.

Levou-me ao gabinete do delegado, onde me explicou que era o substituto do delegado era ele e que o que se tinha passado era falta de respeito e espírito de concorrência por parte dos meus colegas. Acrescentou que o delegado tinha ido fazer serviço, fora da sede do distrito.

Marquei novo encontro para o dia seguinte.

Se não fosse a queda de abastecimento que tivemos a meio da campanha de comercialização de castanha de caju, esta teria corrido bem. Mesmo assim, o nosso distrito foi o que mais comercializou a nível da província — começou por explicar o Delegado Distrital da AGRICOM em Mandlakaze, Jorge João Mazima, falando da última campanha.

Aquela empresa tinha como meta 500 toneladas de castanha, mas só conseguiu 262, devido à falta de produtos como açúcar, sabão, tecidos e pilhas.

Quando estes atractivos começaram a faltar, a população, embora tivesse grande quantidade de castanha, não trocava com artigos que não precisava — desabafou aquele responsável.

A empresa possui seis postos fixos, estando os dois principais em Ndolene e Mbalene, Chidengele, para recolher mufura, feijão, pimenta (piripiri) e castanha de caju, criando uma série de postos móveis, no auge da campanha deste último artigo. Estes postos situam-se em lugares onde não existem cooperativas de consumo nem lojas.

Os comerciantes, para nós, desempenham um papel preponderante. Por isso, também levam

tam aqui alguns produtos para troca.

A uma pergunta sobre como era feito o controlo dos produtos levantados e a castanha entregue, o delegado explicou que cada comerciante tinha uma ficha de registo de todo o movimento de mercadorias.

Para escoar os produtos, a AGRICOM possui dois camiões que durante as campanhas de castanha de caju têm prioridade no abastecimento de combustível.

Na realidade, quem comercializa mais castanha é o armazém distrital, porque tem uma maior quantidade de produtos: uma quota especial para a campanha, e a quota normal, sendo esta 'quasi' da AGRICOM na província —

realçou Remane Khan.

Para o estabelecimento Mahomed Faide Khan, a campanha 85/86 foi a primeira, tendo comercializado 30 toneladas de castanha, 12 de mufura e duas de feijão.

Isso porque recebemos quantidades razoáveis de açúcar, tecidos e ainda 200 litros de petróleo — acrescentaram.

**TEMOS MUITA CASTANHA QUEREMOS AÇÚCAR...**

Desloquei-me com um elemento da AGRICOM ao posto fixo de Ndolene, em Chidengele, cerca de 30 quilómetros da vila do distrito.

Uma multidão sentada na sombra duma grande malheureira

foi criada porque a zona não possuía nenhuma loja, a menos de dez quilómetros.

A população, para se deslocar à sede da localidade, deve percorrer, pelo menos, 15 quilómetros; para Betula, na mesma localidade, onde também existem lojas, são 14. — concluiu, explicando depois que a multidão que se encontrava lá fora eram os 181 cooperativistas agrícolas da «Eduardo Mondlane» que logo que souberam vir «uma visita», prontificaram-se a recebê-la.

Fui apresentado aos cooperativistas e explicou-se a minha incumbência ali. Indigiteram o secretário da Célula para dizer tudo, Basílio Munguamba começou por afirmar que a população possuía enormes quantida-

des de açúcar, havíamos de adquirir cerca de 335 toneladas, porque a população possuía em grande quantidade. Na próxima campanha, vamos tentar comprar 3000 toneladas — afirmou Abdul Bachir Calú, armazém distrital e responsável da Comissão Coordenadora Distrital de Comercialização, falando no encerramento de campanha 85/86.

Acrescentou que nesta campanha, as cooperativas de consumo tinham sido mais honradas que qualquer comerciante.

Alguns deixam de ser comerciantes para serem vendedores, prejudicando a população e tentando prejudicar também o armazém — desabou o Abdul Calú.

**COMERCANTES DEVEM AO BM**

O gerente da agência do BM de Mandlakaze, presente no encontro, disse ter aquela instituição facilitado empréstimos para compra de castanha de caju.

Alguns cooperativistas empréstimos de 200 a 300 contos em Dezembro. Já pressentia de seis meses e ainda não fizeram nenhum depósito, de amortização das dívidas. Será que não é esse dinheiro para comprar castanha? Será que não vão ram nenhuma moeda? Será que não vão trazer nenhum dinheiro na raia ao contrário de Dnolene? O Orçamento para as contas «Castanha de Caju» criadas por esse efeito? — interrompeu Abílio Bila aos comerciantes ali presentes, acrescentando que as negociações desonestas que se efectuavam queriam desviar até meados de Julho seriam processadas.

Por sua vez, os comerciantes queixaram-se do moroso atendimento a que são sujeitos no armazém distrital.

Deixasse estabelecer dias de atendimento do público e dias para os comerciantes — propôs Júlio Tsene, comerciante de Chibonzana.

Participaram no encontro cerca de 150 pessoas, entre comerciantes e estruturas de base.

**CAMPONESES OBCECADOS ESPERAM CHUVAS DE AGOSTO**

Os camponeses de Ndolene conhecem os dissabores dos anos de seca. Para contrariar com esta calamidade, fazem as suas sementeiras em várias gerações.

Se fizessemos uma sementeira esta semana, por exemplo, numa parte do terreno, só daqui a duas ou três semanas é que fazíamos uma segunda. Ainda podemos fazer uma terceira, pois, sendo um mês. Semeamos assim na esperança de que as chuvas de Agosto venham apanhar, pelo menos, uma geração dessas sementeiras — explicou a secretária da OMM da Célula Ndolene, Helena Jorge Munguamba.

Acrescentou que se não fosse a forte cacimba que caiu até ao meio da manhã, tudo teria saído, uma vez que nos meses de Junho e Julho nem um pinga sequer caiu naquela zona.

Nós aqui vamos à machamba às cinco horas e só voltamos ao princípio da tarde. Passamos a nossa vida com a machamba na mão — realçou Helena Munguamba — e se as chuvas vierem tarde, teremos que suportar a mesma seca de 1983 — concluiu. Cada família cultiva entre 3 a 5 hectares de terreno.



disse Jorge Marrine.

Acrescentou que depois do encerramento oficial da campanha de comercialização da castanha, são abastecidos, uma vez por mês, de produtos, como açúcar e petróleo, para eventuais trocas.

O delegado da AGRICOM em Mandlakaze concluiu dizendo que os utensílios agrícolas: catanas, enxadas, machados, charruas eram vendidos a dinheiro.

**PRODUTOS DEVEM SER EXPOSTOS ANTES**

Gostaríamos que para a campanha de castanha de caju 86/87, os produtos chegassem dois meses antes, para dar tempo à população de apreciar as coisas, porque só com este tipo de exposição é que os camponeses começam a preparar-se para trocar — disseram Mussa Khan e Remane Khan, gerentes dum estabelecimento de vendas a retalho.

Na campanha finda, que começou entre fins de Outubro e princípios de Novembro, os produtos de primeira necessidade chegaram tarde. Quando chegou, só tinhamos buginganas: isso teve um efeito negativo, uma vez que os camponeses começaram a ver que afinal não havia nada —

esperávamos.

Quando desci do camião que nos levava, pensei que aquela população estivesse ali para trocar produtos, uma vez que levávamos no veículo dois sacos de açúcar.

Entrei no posto fixo. Sobre a minha cabeça, uma tabuleta de madeira com o seguinte letreiro, em letras gordas e tortas: «COMERCIALIZAÇÃO DA AGRICOLA. CAMPANHA DE CASTANHA E MAFURRA, MILHO, MANDIOCO — NDOLENE-CHIDENGUELE MAN-JACAZE».

O elemento da AGRICOM que me acompanhava apresentou-me ao chefe do posto, Fabião Joaquim Marrine. Este, conhecendo a minha missão ali, apressou-se a dizer que aquele posto começou a funcionar em 1983 e na última campanha havia comercializado 255 sacos de castanha, 125 de milho, 100 de amendoim, 12 sacos de feijão e um de pimenta (piripiri).

A população tem como atractivo para trocar: açúcar, sal, petróleo, sabão e tecidos; no caso do açúcar damos a cada pessoa 3 quilos e isso equivale a cinco de castanha — acrescentou o chefe do posto.

Segundo Marrine, aquela pos-

des de castanha, mas enquanto não houvesse atractivos, ela preferia não trocar.

Precisamos de açúcar, pilhas, vestuário, petróleo, sal, panelas de alumínio, entre outras coisas — rematou o secretário.

Explicou que a Cooperativa Agrícola Eduardo Mondlane tem um terreno de cerca de nove hectares e 126 contos na agência do Banco de Moçambique em Mandlakaze e que a partir daqueles rendimentos, haviam de organizar uma cooperativa de consumo.

Ao invés de se contribuir para a de consumo, preferimos, primeiro, organizar uma agrícola, para que com as receitas desta, fizemos aquela, claro, com os mesmos cooperativistas — disse.

Segundo Basílio Munguamba, a célula de Ndolene tem cerca de 3083 habitantes.

**TENTAREMOS COMPRAR 3000 TONELADAS**  
Este ano foi o pior em termos de comercialização. A mercadoria chegou tarde e não correspondeu aos desejos da população. Atendemos uma meta nunca conseguida nos últimos dez anos: 2400 toneladas de castanha, mas isto não traduz a realidade: Nós, agora, só tivemos 200 tonela-